

2ª Fase do Modernismo Brasileiro

VIDA DE GRACILIANO RAMOS

Graciliano Ramos foi um escritor brasileiro. O romance "Vidas Secas" foi sua obra de maior destaque. É considerado o melhor ficcionista do Modernismo e o prosador mais importante da Segunda Fase do Modernismo.

Suas obras embora tratem de problemas sociais do Nordeste brasileiro, apresentam uma visão crítica das relações humanas, que as tornam de interesse universal.

Seus livros foram traduzidos para vários países e Vidas Secas, São Bernardo e Memórias do Cárcere, foram levados para o cinema. Recebeu o Prêmio da Fundação William Faulkner, dos Estados Unidos, pela obra "Vidas Secas".

INFÂNCIA E JUVENTUDE

Graciliano Ramos nasceu na cidade de Quebrângulo, Alagoas, no dia 27 de outubro de 1892. Filho de Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Ramos era o primogênito de quinze filhos, de uma família de classe média do Sertão nordestino.

Passou parte de sua infância na cidade de Buíque, em Pernambuco, e parte em Viçosa, Alagoas, onde estudou no internato da cidade.

Em 1904 publicou no jornal da escola seu primeiro conto O Pequeno Pedinte. Em 1905 mudou-se para Maceió, onde fez seus estudos secundários no Colégio Interno Quinze de Março, onde desenvolveu maior interesse pela língua e pela literatura.

Em 1910 foi com a família morar em Palmeira dos Índios, Alagoas, onde seu pai abriu um pequeno comércio. Em 1914 foi para o Rio de Janeiro, quando trabalhou como revisor dos jornais Correio da Manhã, A Tarde e em O Século.

Voltou para a cidade de Palmeira dos Índios, onde duas irmãs haviam falecido de peste bubônica, em 1915. Trabalhou com o pai no

comércio. No ano seguinte, casou-se com Maria Augusta Barros, com quem teve quatro filhos.

CARGOS PÚBLICOS

Em 1928, Graciliano Ramos foi eleito prefeito da cidade de Palmeira dos Índios. Nesse mesmo ano, já viúvo, casou-se com Heloísa de Medeiros, com quem teve quatro filhos.

Em 1930, deixou a prefeitura e mudou-se para Maceió, onde assumiu a direção da Imprensa Oficial e da Instrução Pública do Estado.

PRIMEIRAS OBRAS

Graciliano Ramos estreou na literatura em 1933 com o romance Caetés. Nessa época mantinha contato com José Lins do Rego, Raquel de Queiroz e Jorge Amado. Em 1934 publicou o romance São Bernardo, e em 1936 publicou Angústia.

Nesse mesmo ano, ainda no cargo de Diretor da Imprensa Oficial e da Instrução Pública do Estado, foi preso, sob a acusação de que era comunista. Ficou nove meses na prisão, sendo solto, pois não encontraram provas.

Em 1937, Graciliano Ramos mudou-se para o Rio de Janeiro. Foi morar em um quarto de pensão com a esposa e as filhas menores. Em 1939 foi nomeado Inspetor Federal de Ensino. Em 1945 ingressou no Partido Comunista.

Em 1951 foi eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores. Em 1952 viajou para os países socialistas do Leste Europeu, experiência descrita na obra Viagem, publicada em 1954, após sua morte.



Graciliano Ramos (1892-1953)

OBRAS DE GRACILIANO RAMOS

Caetés (1933)
São Bernardo (1934)
Angústia (1936)
Vidas Secas (1938)
A Terra dos Meninos
Pelados (1942)
História de Alexandre (1944)
Dois Dedos (1945)

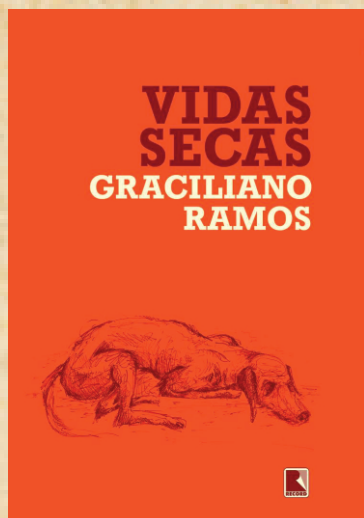
Infância (1945)
Histórias Incompletas (1946)
Insônia (1947)
Memórias do Cárcere (1953)
Viagem (1954)
Linhas Tortas (1962)
Viventes das Alagoas,
costumes do Nordeste (1962)

**"Que lábios adoráveis
...outra vitória de Zande"**
Comece hoje a usar o baton

Zande

Lábios adoráveis que conquistam a admiração de todos! Um dom que todas as mulheres almejam possuir. O baton Zande dá aos lábios um frescor natural. Seis matizes. À venda nas boas casas do ramo, em quatro tamanhos e preços ao alcance de todos.

VIDAS SECAS



Publicado em 1938, o romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, conta a história de uma família de retirantes do sertão brasileiro - Fabiano (o pai), Sinhá Vitória (a mãe), o menino mais novo, o menino mais velho (os filhos) e a cachorra Baleia - em busca de um lugar para sobreviver. Essa obra, de acordo com Bosi (1970, p.454), "[...] abre ao leitor o universo mental esgarçado e pobre de um homem, uma mulher, seus filhos e uma cachorra tangidos pela seca e pela opressão dos que podem mandar". O livro aborda várias questões da realidade da época em que foi publicado, tais como a seca, a estratificação social, a miséria da população nordestina, o coronelismo, o latifúndio, o nomadismo ocasionado pela seca, refletindo muitas das mazelas sociais sentidas pelo Brasil ainda hoje.

PERSONAGENS

Baleia: cadela que é tratada como membro da família. Pensa, sonha e age como se fosse gente.

Sinhá Vitória: mulher de Fabiano. Mãe de 2 filhos, é batalhadora e inconformada com a miséria em que vivem. É esperta e sabe fazer conta, sempre prevenindo o marido sobre trapaceiros.

Fabiano: vaqueiro rude e sem instrução, não tem a capacidade de se comunicar bem e lamenta viver como um bicho, sem ter frequentado a escola. Ora

reconhece-se como um homem e sente orgulho de viver perante às adversidades do nordeste, ora se reconhece como um animal. Sempre a procura de emprego, bebe muito e perde dinheiro no jogo.

Filhos: o mais novo admira a figura do pai vaqueiro, integrado à terra em que vivem. Já o mais velho não tem interesse nessa vida sofrida do sertão e quer descobrir o sentido das palavras, recorrendo mais à mãe.

Patrão: fazendeiro desonesto que explorava seus empregados, contrata Fabiano para trabalhar.

Há os personagens secundários que surgem em apenas alguns momentos da história: Soldado, Soldado Amarelo, Seu Inácio, dentre outros.

NARRADOR

A escolha do foco narrativo em terceira pessoa é emblemática, uma vez que esse é o único livro em que Graciliano Ramos utilizou tal recurso. Trata-se, na verdade, de uma necessidade da narrativa, para que fosse mantida a verossimilhança da obra. Por causa da paupérrima articulação verbal dos personagens, reflexo das adversidades naturais e sociais que os afligem, nenhum parece capacitado a assumir o posto de narrador.

O autor utilizou também o discurso indireto livre, forma híbrida em que as falas dos personagens se mesclam ao discurso do narrador em terceira pessoa. Essa foi a solução para que a voz dos marginalizados pudesse participar da narração sem que tivessem de arcar com a responsabilidade de conduzir de forma integral a narrativa.



ESPAÇO

A narrativa é ambientada no sertão, região marcada pelas chuvas escassas e irregulares. Essa falta de chuva – somada a uma política de descaso do governo com os investimentos sociais – transforma a paisagem em ambiente inóspito e hostil.

Inverno, na região, é o nome dado à época de chuvas, em que a esperança sertaneja floresce. O sonho de uma existência menos árida e miserável esboça-se no horizonte e dura até as chuvas cessarem e a seca retornar implacável. No romance, essa esperança aparece no capítulo "Inverno", em que Fabiano alimenta a expectativa de uma vida melhor, mais digna.

O retorno à visão marcada pela falta de perspectivas recomeça com o fim das chuvas, com o fim da esperança. Na obra, pode-se apontar, também, para dois recortes espaciais: o ambiente rural e o urbano. A relevância desse recorte se deve às sensações de adequação ou inadequação dos personagens em um ou outro espaço.

TEMPO

Além da falta de linearidade do tempo, em "*Vidas Secas*" há nítida valorização do tempo psicológico, em detrimento do cronológico. Essa opção do narrador de ocultar os marcadores temporais tem como principal consequência o distanciamento dos personagens da ordenação civilizada do tempo.

Dessa forma, nota-se que a ausência de uma marcação cronológica temporal serve, enquanto elemento estrutural, como mais uma forma de evidenciar a exclusão dos personagens. Por outro lado, a valorização do tempo psicológico na narrativa faz com que as angústias dos personagens fiquem mais próximas do leitor, que as percebe com muito mais intensidade.

CLIMAX

Após várias tentativas de fuga, no último capítulo de *Vidas Secas*, intitulado *Fuga*, o narrador enfatiza que a vida na fazenda se tornara difícil, por isso, a família decidiu abandonar a região. Fabiano salientava que nada o prendia naquela terra seca e que acharia um lugar melhor para morrer. Entre momentos de otimismo e pessimismo, o vaqueiro caminhava junto a sua família, pensava sobre o soldado, o patrão e a morte da cachorra Baleia.

Durante o dia procuram sombra e água para satisfazer suas necessidades. Sinhá Vitória rebatia constantemente o pessimismo de seu marido e indagava o porquê de sua família não possuir os bens como o patrão da terra que estavam. No fim, Fabiano acreditava no sonho de ir para essa nova terra.

2º FASE DO MODERNISMO

A segunda geração modernista ou segunda fase do modernismo representa o segundo momento do movimento modernista no Brasil que se estende de 1930 a 1945.

Chamada de “Geração de 30”, essa fase foi marcada pela consolidação dos ideais modernistas, apresentados na Semana de 1922. Lembre-se que esse evento marcou o início do Modernismo rompendo com a arte tradicional.

A publicação *Alguma Poesia* (1930) de Carlos Drummond de Andrade marcou o início da intensa produção literária poética desse período.

Na prosa, temos a publicação do romance regionalista *A Bagaceira* (1928) do escritor José Américo de Almeida.

A segunda geração modernista representou um período muito fértil e rico para a literatura brasileira.

Também chamada de “Fase de Consolidação”, a literatura brasileira estava vivendo uma fase de maturação, com a concretização e afirmação dos novos valores modernos.

Além da prosa, a poesia foi um grande foco dos literatos. Temas nacionais, sociais e históricos foram os preferidos pelos escritores dessa fase.

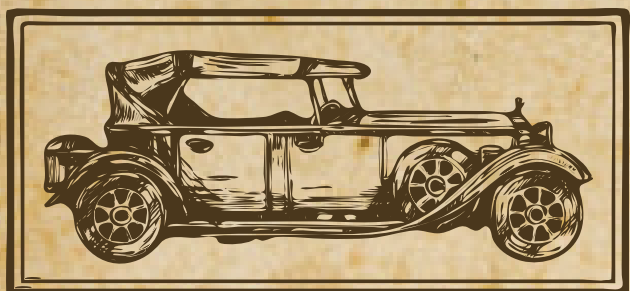
CONTEXTO HISTÓRICO

A segunda fase do modernismo no Brasil surgiu num contexto conturbado. Após a crise de 1929 em Nova York, (depressão econômica) muitos países estavam mergulhados numa crise econômica, social e política.

Isso fez surgir diversos governos totalitários e ditatoriais na Europa, os quais levariam ao início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Além do aumento do desemprego, a falência de fábricas, a fome e miséria, no Brasil a Revolução de 30 representou um golpe de estado. O presidente da República Washington Luís foi deposto, impedindo assim, a posse do presidente eleito Júlio Prestes.

Foi o início da Era Vargas e o fim das Oligarquias de Minas Gerais e São Paulo, denominado de “política do café com leite”. Com a chegada de Getúlio ao poder, a ditadura no país também se aproximava com o Estado Novo (1937-1945).



CARACTERÍSTICAS

- Influência do realismo e romantismo;

- Nacionalismo, universalismo e regionalismo;

- Realidade social, cultural e econômica;

- Valorização da cultura brasileira;

- Influência da psicanálise de Freud;

- Temática cotidiana e linguagem coloquial;

- Uso de versos livres e brancos.

A PROSA DE 30 NA 2º FASE

Nessa fase, o grande foco da prosa de ficção foram os romances regionalistas e urbanos.

Preocupados com os problemas sociais, a prosa dessa fase se aproximou da linguagem coloquial e regional. Assim, ela mostrou a realidade de diversos locais do país, ora no campo, ora na cidade.

PRINCIPAIS AUTORES E OBRAS DA PROSA DE 30

José Américo de Almeida (1887-1980)

Rachel de Queiroz

Graciliano Ramos (1892-1953)

José Lins do Rego (1901-1957)

Jorge Amado (1912-2001)

A POESIA DE 30 NA 2º FASE

O melhor momento da poesia brasileira aconteceu na segunda fase do modernismo e que ficou conhecido com a Poesia de 30.

Ele se caracteriza pela abrangência temática em virtude da racionalidade e questionamentos que norteavam o espírito dessa geração.

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

Murilo Mendes (1901-1975)

Cecília Meireles (1901-1964)

Jorge de Lima (1893-1953)

Mario Quintana (1906-1994)

Vinícius de Moraes (1913-1980)

MODERNISMO NA 2ª FASE NO LIVRO

“Vidas Secas” é um dos maiores expoentes da segunda fase modernista, a do regionalismo. Graciliano Ramos, ao explorar a temática regionalista, utiliza vários expedientes formais – discurso indireto livre, narrativa não-linear, nomes dos personagens – que confirmam literariamente a denúncia das mazelas sociais.

